

LITERATURA, HISTÓRIA E MEMÓRIA: ESCRITORES CRONISTAS EM RORAIMA

v. 11 n. 23 (2023) : BILROS 2023.2

MOEMA DE SOUZA ESMERALDO

Professora efetiva na UFRR, vinculada aos Programas de Pós-graduação em Letras, Comunicação e Educação Inclusiva (Profei). Está realizando estágio pós-doutoral no Programa de Pós graduação em Letras da Universidade Federal de Rondônia, com bolsa CAPES/PROCAD. E-mail: moemaesmeraldo@gmail.com

IANA DOS SANTOS VASCONCELOS

Professora efetiva Professora da licenciatura Intercultural do Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena da Universidade Federal de Roraima- UFRR. E-mail: iana.vasconcelos@ufr.br

LITERATURA, HISTÓRIA E MEMÓRIA: ESCRITORES CRONISTAS EM RORAIMA

LITERATURE, HISTORY AND MEMORY: CHRONIST WRITERS IN RORAIMA

Moema de Souza Esmeraldo
Iana dos Santos Vasconcelos

RESUMO

Pretende-se discutir sobre a contribuição de escritores cronistas em Roraima, tomando como exemplo, os escritores Nenê Macaggi e Eliakin Rufino, que se dedicaram a esse tipo de escrita específica para jornal, sobretudo, nos periódicos O Átomo e Folha de Boa Vista. A pesquisa visa discutir as possibilidades e as aplicações de metodologias para a investigar e analisar crônicas de escritores que contribuíram para os principais periódicos dos Estados de Roraima, visando a compreensão de fenômenos sociais, culturais e históricos que levaram esses escritores a escrever em jornais e publicar literatura nos jornais de maior circulação local. Além de realizar uma revisão dos estudos sobre crônica moderna no Brasil, bem como discutir sobre a circulação de textos literários em periódicos evidenciando a relação entre literatura e jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Jornalismo. Materialidades. Gênero literário.

ABSTRACT

The aim is to discuss the contribution of chronicler writers in Roraima, taking as an example the writers Nenê Macaggi and Eliakin Rufino, who dedicated themselves to this type of specific writing for newspapers, especially in the newspapers O Átomo and Folha de Boa Vista. The research aims to discuss the possibilities and applications of methodologies to investigate and analyze chronicles of writers who developed for the main newspapers in the States of Roraima, moving the understanding of social, cultural and historical characteristics that led these writers to write in newspapers and publish literature in newspapers with the highest local circulation. In addition to carrying out a review of studies on modern chronicles in Brazil, as well as discussing the circulation of literary texts in periodicals, highlighting the relationship between literature and journalism.

KEY WORDS: Literature. Journalism. Materialities. Literary genre.

INTRODUÇÃO

*Escrever prosa é uma arte ingrata.
Eu digo prosa fiada, como faz um cronista.
(Vinícius de Moraes, 2010, p. 15)*

A crônica é marcada por uma linguagem solta – “prosa fiada”, como cita Vinícius de Moraes –, que prima pelo pitoresco, pelo cotidiano e até faz ficcionalização de pessoas reais. Nessa relação, produz uma linguagem com um ritmo ágil, próxima do coloquialismo. O cronista pode explorar as potencialidades da língua, buscando uma construção textual que provoque significações que vão além da normatização da linguagem jornalística, fruto de uma economia que dirige a mensagem ao maior número de interlocutores possível. Em contrapartida, a linguagem literária se oferece como espaço da experimentação por excelência.

A difusão da crônica no Brasil nos permite pensar questões relacionadas tanto ao discurso jornalístico quanto ao texto literário que resulta na crônica jornalística, especificamente, que se tornou uma expressão literária com singularidades nacionais, pois é reconhecida como um tipo textual que se aclimatou muito bem no Brasil. A crônica praticada modernamente pelos autores brasileiros afasta-se de seu primeiro contorno historicista, bem como da forma escrita empregada no período do Romantismo.¹ Desse modo, esta discussão privilegia a crônica moderna brasileira, que se consolida com o Modernismo, se apresentando como uma literatura voltada para um público que consumia jornais.

O exercício da crônica foi incorporado à cultura brasileira por uma linguagem acessível, próxima ao cotidiano. O termo “crônica” consolida-se, no Brasil, com José de Alencar e Machado de Assis, e “a partir do Realismo, acerca-se mais da vida e da linguagem do povo, assumindo um valor mais próximo da reportagem” (Esmeraldo, 2018). Nesse momento, Machado de Assis notabiliza-se como escritor cronista e surgem nomes importantes como João do Rio e Lima Barreto. João do Rio, pseudônimo do autor Paulo Barreto, inaugurou

¹ No século XIX, a acepção da crônica afastou-se da “conotação historicista”, e “o vocábulo passou a revestir sentido estritamente literário” (Moisés, 1967, p. 245), sobretudo com o aparecimento dos *feuilletons*, na França, quando adere definitivamente ao jornal como meio de circulação. Naquele momento, ela estava ainda próxima do sentido original da palavra: do grego *chrónos*, tempo, sendo “croniciar” tratar das coisas do tempo. Os românticos usavam esse formato para fazer um jornalismo literário, que falava diretamente aos leitores. No Brasil, tal formato encontrou adeptos, que traduziram a modalidade literária com o termo “folhetim”.

uma nova maneira de informar nas crônicas publicadas na coluna *Cinematographo*, no jornal Gazeta de Notícias, durante os anos de 1907 a 1910. Foi seguido por Lima Barreto, também cronista, que registrou, com impressionante riqueza de detalhes, a vida no começo do século passado. Em seguida, vieram os modernistas da “geração de ouro” da crônica moderna brasileira.

Esse tipo de narrativa chama atenção dos críticos, que a reivindicam como uma expressão literária genuinamente brasileira. Tal discussão, academicista, nos alerta Massaud Moisés, tem “derramado tinta inútil” (Moisés, 1967, p. 246). Mais útil, por exemplo, seria reconhecer escritores que compõem a tradição de escrita cronística, observando este forte traço da literatura nacional, ligado diretamente aos jornais, se naturalizando, sobretudo, a partir da década de 1930.

A circulação de crônicas em jornais continua no início do século XX, com o trabalho singular de Rubem Braga, na década de 1930, seguido de inúmeros outros, como Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Cecília Meireles, Fernando Sabino, Rachel de Queiroz, Érico Veríssimo, que deram continuidade a uma linhagem de escritores-cronistas, no Brasil.

A consistente análise de Maria Cristina Ribas (2013, p. 8), no artigo “Destecendo a rede conceitual da crônica”, em seu recorte pedagógico, mostra que o termo “crônica” reúne a compreensão da constituição multifacetada do discurso cronístico. Sendo assim,

deparamo-nos com a insistência de grande parte da crítica na perpetuação de conceitos e valores que mantêm a crônica circunscrita a um território bastante reduzido; em contrapartida, ressaltamos a importância de um estudo teórico-metodológico voltado para a crônica e defendemos que o esforço de desentranhar uma matriz homogênea que dê conta do gênero limita o debate a discussões previsíveis e rotulações dicotômicas, num desenho de contornos ainda fortemente românticos (Ribas, 2013, p. 8).

Nessa perspectiva, tipificar a crônica como um texto híbrido e fazer a balança pender para um ou outro aspecto dessa ambiguidade, por conta exclusiva do talento do escritor, é mais uma particularização infundada do ponto de vista epistemológico. Isso porque atribui à crônica uma singularidade que, na verdade, é plural e compartilhada pelos inúmeros gêneros textuais no cenário discursivo.

Desse modo, o estudo teórico pretendido privilegia a crônica moderna brasileira, que se consolida com o Modernismo, apresentando-se como uma literatura voltada para um público que consumia jornais. Escrever crônicas para jornais representou uma possibilidade de

profissionalização para os escritores brasileiros, por vários motivos, entre eles a necessidade financeira.

Contata-se que o exercício da crônica jornalística foi incorporado à cultura brasileira por uma linguagem acessível, próxima ao cotidiano. Escrever crônicas para jornais representou uma possibilidade de profissionalização para os escritores brasileiros, por vários motivos, entre eles, remuneração financeira.

No Brasil, Machado de Assis notabiliza-se como escritor cronista e surgem nomes importantes como João do Rio e Lima Barreto expoentes escritores e cronistas do cotidiano. Esse tipo de narrativa, que nasce nos jornais e algumas vezes migra para o livro e hoje circula, sobretudo, em meios eletrônicos passa a chamar atenção dos críticos, que a reivindicam como uma expressão literária genuinamente brasileira.

A circulação de crônicas em jornais no país continua expoente no início do século XX, com o trabalho singular de Rubem Braga, na década de 1930, seguido de inúmeros outros, como Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Cecília Meireles, Fernando Sabino, Rachel de Queiroz, Érico Veríssimo, que deram continuidade a uma linhagem de escritores-cronistas no território nacional.

Na região norte do país, escritores utilizaram o jornal como suporte para a circulação de literatura e também meio de escrita literária, escritores como Dalcídio Jurandir, por exemplo, que publicou regularmente no periódico “O estado do Pará” e Márcio Souza, que inaugura seu ofício de jornalista desde cedo, como crítico de cinema no jornal *O Trabalhista*. Publica também folhetins, no suplemento dominical do jornal *Folha de São Paulo*, entre anos de 1981 e 1982.

Milton Hatoum escritor importante nessa trilha utiliza vários suportes para circulação de seus textos e exercita o ofício de cronista publicando para a *Folha de São Paulo* e revistas eletrônicas. Inclusive, recentemente, em 2023, a editora Companhia das Letras publica o livro **Sete Crônicas de Milton Hatoum**, uma seleção de crônicas do livro **Um solitário à espreita** (crônicas) de 2013.

Nesse sentido, pretende-se discutir sobre a contribuição de escritores cronistas em Roraima, tomando como exemplo, os escritores Nenê Macaggi e Eliakin Rufino, que se dedicaram a esse tipo de escrita específica para jornal, sobretudo, nos periódicos *O Átomo* e *Folha de Boa Vista*.

Esta pesquisa realizou uma discussão sobre as possibilidades e as aplicações de metodologias de investigação e análise de crônicas de dois principais escritores que contribuíram para os principais periódicos do Estado de Roraima. Visando a compreensão de fenômenos sociais, culturais e históricos que levaram esses escritores a escrever em jornais e publicar literatura nos jornais de maior circulação local. Além de que realizamos uma revisão dos estudos sobre crônica moderna no Brasil, bem como discutimos sobre a circulação de textos literários em periódicos evidenciando a relação entre literatura e jornalismo.

Ao mesmo tempo que a temática de estudo sobre a crônica possibilita articular alguns conceitos fundamentais para o debate provenientes das discussões de Walter Benjamin, fundamentais para o debate, para refletirmos sobre aspectos socioculturais, políticos e econômicos relativos ao contexto espacial e temporal da publicação de textos jornalísticos e/ou literários a partir do contexto de produção e circulação. A ideia é ofertar possibilidades metodológicas para pensar não só o jornal na condição de documento, mas a importância desse meio de comunicação para a circulação da literatura.

Em Roraima não foi diferente: os escritores Nenê Macaggi e Eliakin Rufino dedicaram-se a esse tipo de escrita específica para jornal. Por meio do acesso público, pela Hemeroteca Digital Brasileira, plataforma disponível no site da Biblioteca Nacional, foram encontradas crônicas publicadas por esses dois autores em exemplares originais dos jornais *O Átomo* e *Folha de Boa Vista*.

Fato interessante é que Nenê Macaggi apenas publica seu primeiro livro com temática roraimense 35 anos depois de exercer a crônica jornalística em periódicos com os quais se correspondia durante o período em que desempenhou suas funções no extinto SPI. Acredita-se que o exercício da crônica, mesmo que informativa e descritiva, serviu de conteúdo para o romance mais importante da autora, **A Mulher do Garimpo**.

Eliakin Rufino, ainda estreando suas publicações literárias, um pouco mais tarde se tornaria uma voz importante que entusiasmou praticamente todo o período, até os dias atuais, como referência de artista e escritor do estado de Roraima. Por tal relevância, o autor se presta ao objetivo desta pesquisa, de examinar os textos que pertencem à produção do autor dedicada a jornais. Para demonstrar isso, propõe-se uma análise metodológica que considera os textos de Rufino, em especial os publicados no jornal *O Átomo*, a partir da observação da prática de escrita e de proximidades temáticas.

No jornal *O Átomo*, que foi considerado o primeiro jornal independente do Território Federal do Rio Branco, podem ser encontradas crônicas de Nenê Macaggi publicadas entre os anos de 1954 e 1955. O periódico surgiu em 1951, e na data de 12 de setembro de 1953, a autora publica um conto intitulado “Falso diagnóstico”.

O jornal *Folha de Boa Vista*, fundado em 1983, no então Território Federal, está ativo até os dias atuais. No periódico encontram-se diferentes autores que publicavam crônicas com ou sem regularidade, entre eles, Eliakin Rufino. Foram já identificados textos do autor que contribuem com a discussão apontada por Mibielli (2017) em relação ao “discurso exótico para descrever e/ou caracterizar a Amazônia” (Mibielli, 2017).

LITERATURA, HISTÓRIA E JORNALISMO: CAMINHOS CRÍTICOS POSSÍVEIS

Historicamente, a literatura com a invenção da imprensa cooperou para a convergência dos meios de produção e circulação e promoção da leitura deixando ainda mais tênues as linhas de divisão entre os vários campos da produção cultural, inclusive literária. Com o surgimento, aprimoramento e disseminação da imprensa, muitos escritores tiveram que se adaptar as novas tendências, permeados por novas convenções para a circulação da literatura que permeavam entre o mercado editorial, o texto e o leitor.

Pensando a relação entre escritor, leitor e obra, estudo visa averiguar como se deu em Roraima a participação de escritores reconhecidos que aceitaram trabalhar em periódicos, como, por exemplo, Eliakin Rufino e Nenê Maccagi. De modo geral, autores contemporâneos, na tentativa de agradar ao público, obtendo sucesso comercial, e, ao mesmo tempo, mantendo a dimensão crítica da obra, preservam a sua complexidade, utilizando a multiplicidade de códigos que se apresentam. Nesse contexto, o jornal serve de mediação entre o público e o texto literário. O panorama cultural da atualidade permite a intensificação de suportes e processos de deslocamentos que se realizam em diversos níveis, afetando, portanto, o conceito de arte e a sua função na sociedade.

Na conferência intitulada “O autor como produtor”, Walter Benjamin, já na década de 1930, chamava atenção sobre a fusão de formas literárias. Vera Follain Figueiredo (2010) lembra a intenção do filósofo de pôr em relevo a capacidade da imprensa de ultrapassar as distinções compartimentalizadas dos gêneros. Com o surgimento da imprensa e dos jornais, passa a existir um novo tipo de leitor, um leitor moderno que provocou “um novo tipo de escrita, decorrente da circulação acelerada dos textos e da propagação da leitura extensiva” (Figueiredo,

2010, p. 13). Dessa maneira, os autores procuram atender a esse leitor extensivo que consome mitos impressos, o que, segundo a autora, contribui para alterar o modo de escrever. Essa tendência contemporânea aproximou o autor do público e superou as esferas convencionais da escrita literária.

Nesse cenário, Walter Benjamin pondera sobre a prática da escrita:

um autor que não ensina nada aos escritores não ensina nada a ninguém. Assim, é decisivo que a produção tenha um carácter de modelo, capaz de, em primeiro lugar, levar outros produtores à produção e, em segundo lugar, pôr à sua disposição um aparelho melhorado. E esse aparelho é tanto melhor quanto mais consumidores levar à produção, numa palavra, quanto melhor for capaz de transformar os leitores ou espectadores em colaboradores. (...). Já possuímos um modelo deste gênero, mas só lhe posso fazer aqui uma breve referência: trata-se do teatro épico de Brecht (Benjamin, 2006, p. 288).

Muitos autores, ao aceitarem escrever por encomenda, confirmam o aspecto profissional de sua atividade. Nessa discussão, ainda se deve considerar que esses textos circulam pela internet, em *sites* que disponibilizam a digitalização de jornais, o que demonstra a virada dos parâmetros da arte. Cada vez mais, a arte se aproxima do mais popular e se afasta da noção de idealização do autor, tendendo a ser valorizada a recepção do texto pelo leitor e a interação que se estabelece entre essas duas instâncias.

No livro **Penas de Aluguel: Escritores Jornalistas no Brasil – 1904-2004**, Cristiane Costa (2005) afirma: “desde que João do Rio publicou *O momento literário*, um dos atrativos para o aspirante a escritor é a sua legitimação no meio editorial” (p. 349). Ao refletir sobre as relações entre jornalismo e literatura, a autora destaca que “o artista em tempo integral está mais para exceção do que para regra no Brasil” (Costa, 2005, p. 347). No Brasil, a constituição da crônica implicou um imbricamento entre literatura e jornalismo. O reconhecimento foi dado à crônica por meio de seus escritores-jornalistas nas crônicas produzidas para o jornal. E é justamente por causa da efemeridade do jornal que a crônica assume especificidades distintas. *Pari passu* ao hibridismo, Jorge de Sá, ao discutir a ambiguidade da crônica, confere à “essência jornalística” herdada pela crônica uma visão essencialista de literatura. Ressalta ainda que “o importante é reconhecer que essa mistura nada mais é do que uma tendência da literatura contemporânea, numa enriquecedora confluência de gêneros” (Sá, 2002, p. 26).

Mesmo assim, o estudo da crônica ainda é pouco explorado pela teoria literária, em que pese um aumento significativo de escritores que também exerceram a função de cronistas para periódicos de sua época. Segundo se depreende dos textos de autores críticos a serem pesquisados, como “A crônica”, de Massaud Moisés, escrito na década de 1960; “A

ambiguidade da crônica: literatura ou jornalismo”, de Antonio Dimas, da década de 1970; o ensaio já citado “A vida ao rés-do-chão”, de Antonio Candido, e “Fragmentos sobre a crônica”, de Davi Arrigucci Júnior, ambos escritos na década de 1980.

Em contrapartida, questiona-se a ideia enraizada pela crítica literária sobre a crônica ser um “gênero menor”. Então, esta pesquisa também tem o objetivo de desmontar algumas armadilhas conceituais e condicionamentos que restringem o estudo do tema. Ainda existe a resistência a não sair da costumeira zona de conforto, a não abrir mão dos clichês e definições que restringem a crônica a características similares de efemeridade, além de se reforçar seu grau menor, seu suposto caráter híbrido e ambíguo, como decantada herança do seu lado jornalístico.

O problema constatado prende-se à análise de crônicas publicadas em periódicos do estado de Roraima. Tratam-se de textos que foram publicados em jornais e justificam a investigação por serem fonte de representação da memória e história de Roraima. Além disso, a pesquisa justifica-se por se tratar da análise de textos que não foram publicados em livros e, ao mesmo tempo, são fonte de representação do espaço vivenciado pelos escritores em estudo.

Ao tratar de uma sistematização da memória estético-cultural de Roraima justifica-se a análise das formas de abordagens propostas pelo texto cronístico como objeto de sistematização em virtude da delimitação da análise do *corpus* deste trabalho, que compreende a busca de crônicas publicadas nos periódicos, sobretudo nos jornais *O Átomo* e *Folha de Boa Vista*.

METODOLOGIAS E AFETAÇÕES DE PESQUISA

A partir de subjetividades da temática proposta dando importância aos “saberes localizados” em um processo de reconhecimento dos contextos sócio-históricos e culturais defendo que talvez seja relevante pensar a relação profícua entre literatura e jornalismo no Brasil. Assim, esta pesquisa ao identificar e analisar crônicas de escritores como Eliakin Rufino e Nenê Macaggi, entre outros, textos literários que circularam em periódicos anseiam sistematizar subsídios teóricos e críticos de estudos que permeiam a temática sobre a crônica moderna no Brasil. Busca-se, desse modo, contribuir com as discussões ligadas ao estudo do texto narrativo e em relação ao conceito da crônica como gênero literário “desprezado” pela crítica literária.

A metodologia de pesquisa bibliográfica consistiu, de modo mais amplo, na investigação de acervos dos textos, publicados em jornais e assinados por atores importantes da

cultura letrada regional. Ao proceder a semelhante levantamento de crônicas publicadas em periódicos roraimenses, faz-se necessário o histórico da imprensa roraimense, o que reforça a hipótese de que os autores exercitaram também o ofício de escritores por meio de crônicas publicadas em jornais, fase em desenvolvimento desta pesquisa.

Nessa trilha, percebeu-se como necessário realizar o levantamento de estudos críticos que discutem o jornal como importante espaço de circulação da literatura. Além disso, aprofundar-se-ão a discussão e a fundamentação teórica sobre escrita, memória, história e literatura, no intento de demonstrar a importância da revisitação desses textos para compreensão da história e da memória local. A investigação dos textos que compõem o *corpus* da pesquisa se dará por meio do acesso público à Hemeroteca Digital Brasileira, plataforma disponível no *site* da Biblioteca Nacional, onde foram encontradas crônicas publicadas por esses dois autores em exemplares originais dos jornais *O Átomo* e *Folha de Boa Vista*.

Após o levantamento e a seleção do *corpus*, aproximou-se comparativamente as temáticas nas crônicas encontradas, estabelecendo-se recortes de proximidade e utilizando teorias da narrativa e da escrita autobiográfica contemporânea. Para tanto, apresentar-se-ão elementos que comprovem, por meio de análises, as características textuais e descritivas que tipificam o texto narrativo. Em resumo, o levantamento, a leitura das crônicas selecionadas por meio da investigação no *site* da biblioteca nacional, além de catalogação, fichamentos e resenhas são fases fundamentais da pesquisa. Assim como o levantamento das obras críticas, com procedimento semelhante ao das literárias e análise dos textos.

REFLEXÕES TEÓRICAS E CRÍTICAS SOBRE A CRÔNICA

*Enquanto discutem com erudição
os entendidos
que bicho é a crônica
– gênero literário ou número de show,
mescla de conto e testemunho,
alienação ou radar –
(...) eu vou cronicando seu viver
com a simpatia cúmplice que me inspiram
o ser comum e sua pinta de loucura.
Carlos Drummond de Andrade, Caminhos de João
Brandão*

Ao revisitar parte da crítica sobre a crônica brasileira, verifica-se a carência de fundamentos teóricos que enfrentem pesquisadores que se propõem a estudar o tema. Constatase esse fato, sobretudo, em razão da repetição atenuada de certas particularidades da crônica.

Nesse quadro, é imprescindível ressaltar contribuições valiosas de críticos que analisaram essa prática escrita por outros vieses, como Beatriz Resende (1995), Maria Cristina Ribas (2013), Renato Cordeiro Gomes (2004) e a historiadora Margarida Neves (2005), referências importantes a serem abordadas nesta pesquisa.

A observação das comparações com outros textos em prosa sinaliza uma reprodução de estereótipos nos estudos. Sem dúvida, é preciso considerar que o termo “crônica” aponta para diferentes textualidades, o que complica sua definição.

Davi Arrigucci Júnior afirma que se trata de um “gênero lateral com relação à poesia e à ficção” (Arrigucci,1987). Antonio Candido chega a pronunciar em uma perspectiva conservadora que “jamais lhe imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romances, dramaturgos e poetas” (Candido, 2004). Antonio Dimas lembra que a crônica foi subestimada em detrimento do romance e do conto, por isso, “sempre conheceu o desprestígio” (Dimas, 1974).

Quando se observa atentamente a crítica, nota-se a reiteração de características formuladas, entre outros, por Arrigucci Júnior, Candido e Dimas, com o consentimento da comunidade acadêmica, salvaguardadas as diferenças entre os críticos e reconhecendo-se o esforço e o trabalho respeitável de Candido na compreensão da literatura brasileira como sistema. Então, a partir dos textos críticos citados, são encontrados outros conceitos recorrentes para a definição de crônica. Entre eles, os que mais chamam atenção, pela persistência, são a efemeridade, o hibridismo e a coloquialidade, como atributos menores.

Para confrontar essa ideia, consideram-se outras questões pertinentes do estudo da crônica modernamente praticada, no Brasil, que passa a sobreviver em jornais e revistas, por isso vive sob a gênese da efemeridade. Esse aspecto, bem como a égide do hibridismo, estaria condicionando a sua existência. Visto por outro lado, dir-se-ia que a análise dos discursos literário e jornalístico como constituintes desliza em todos os discursos sobre o tema. É nessa tensão entre os discursos literário e jornalístico, excedendo os mitos de seus constituintes, que se produzem as particularidades da crônica. O que não significa depreciar essa relação “ambígua” entre a literatura e o jornalismo.

Em se tratando de um texto jornalístico, Jorge de Sá (2002, p.23), no livro **A Crônica**, reforça essa feição:

a crônica surge primeiro no jornal, herdando a sua precariedade, esse seu lado efêmero de quem nasce no começo de uma leitura e morre antes que se acabe o dia, no instante em que o leitor transforma as páginas em papel de embrulho, ou guarda recortes que mais lhe interessam num arquivo

O desenvolvimento da análise aqui proposta intenciona também a leitura de textos teóricos sobre escrita, memória e história. No tocante ao desenvolvimento teórico sobre a relação entre elaboração da escrita, memória e história, apoiar-se-á em Walter Benjamin, Jacques Le Goff e Paul Ricœur para reforçar a preocupação em colocar a memória como elemento importante na composição da escrita. E assim se pode pensar também a subjetividade da história de Roraima nas crônicas de Eliakin Rufino e Nenê Macaggi, sendo que a produção literária dos escritores em estudo abre caminhos para estendermos o estudo crítico e bibliográfico desses autores.

O raciocínio de como a crônica moderna se preocupa com a narração do cotidiano e a representação do espaço vivenciado pelo escritor/narrador deve ser privilegiado neste estudo. Isso porque a escrita dos autores em estudo e a sua produção textual para jornais determinaram a interação entre o indivíduo e o espaço público², presumindo reconhecer que os olhares dos cronistas sobre a cidade de Boa Vista são configurados pela memória, nas crônicas de Eliakin Rufino e Nenê Macaggi.

O cronista é observador, testemunha e historiador muito atento de sua contemporaneidade, e tem consciência dos fatos e acontecimentos que configuram o cotidiano. Tal qual os jornalistas, profissionalmente, os cronistas também são quase sempre repórteres do cotidiano. Vale ressaltar, novamente, que essa simbiose de jornalista, cronista e ficcionista é traço que marca uma tradição brasileira, e será mais aprofundada esta hipótese neste estudo.

Walter Benjamin, no ensaio intitulado “Sobre o conceito da história”, utiliza a figura do cronista como um historiador dos fragmentos. Nessa acepção teórica, a compreensão de tempo apoia-se em uma descontinuidade, com sentido que se distingue do tradicional, pressupondo parte substancial de um pensamento por meio de uma escrita por imagens. O cronista “que narra os acontecimentos sem distinguir entre os grandes e os pequenos leva em conta a verdade de que nada do que aconteceu pode ser considerado perdido para a história” (Benjamin, 1994, p. 223). Essa concepção teórica sobre a história e sobre o papel do historiador

² A discussão que permeia o entendimento de espaços públicos não será foco desta pesquisa, tendo em vista sua complexidade, mas é necessário estabelecer alguns cortes na abordagem. Nessa discussão se destacam as contribuições de Hannah Arendt e Jürgen Habermas para traçar o sentido empregado do termo “espaço público”.

se aproxima da necessidade de trabalhar com os fragmentos e as ruínas do passado para uma compreensão de acontecimentos históricos e narrar os fatos grandes e corriqueiros da história.

O autor expõe que o pensamento não é apenas uma questão de conteúdo, mas de forma (escrita), e que um projeto de escrita por imagens seria a construção de uma filosofia por imagens. Benjamin afirma ainda, no mesmo ensaio, que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi” (Benjamin, 1994, p. 225), mas “significa apropriar-se de uma reminiscência tal como ela relampeja no momento de um perigo” (idem, p. 224). Assim, o crítico, no fragmento de número seis, dentre os onze expostos, presume que é necessário

fixar uma imagem no passado como ela se apresenta no momento do perigo ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes como seu instrumento. Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela (Benjamin, 1994, p. 224).

Os escritores Eliakin Rufino e Nenê Macaggi, mesmo que em perspectivas de representação do espaço diferentes e até antagonicas, cada um à sua maneira, narrou a história oficial e cotidiana produzindo uma escrita “por encomenda”, uma escrita interessada em representar a sociedade e os modos de vida da época. Cabe destacar, ainda que sumariamente, que Nenê Macaggi possui uma escrita ufanista em relação à representação local, conforme estudos recentes realizados a partir da sua obra **A Mulher do Garimpo**.

Dessa maneira, uma das características da função textual da crônica é a enunciação, portanto, possui relação com um campo associado de *domínio de memória*. É por meio do *domínio de memória* que os enunciados se sucedem, ordenam-se e se determinam, na medida em que se afirmam ou se opõem. Essa discussão torna-se salutar, uma vez que a escrita proporciona verdades que podem “ser ditas”, em que se encontra o chamado *domínio de memória* dos enunciados. Assim, a crônica está associada às questões memorialísticas, que, mesmo quando não referidas, privilegiam os aspectos de narração e descrição textual incorporando elementos narrativos.

Para aprofundar a questão da memória, Jacques Le Goff contribui para demonstrar o *status* da memória a partir da relação com a história. No que diz respeito à escrita, a própria noção de passado e as relações com ele estabelecidas confirmam que há uma ruptura entre passado e presente, pois a imagem sincrônica profere apenas algo, como se o passado fosse apenas um “antes”, com relação ao “agora”. Nessa analogia de registro do passado com o

presente, o historiador/cronista ressalta que há um processo de progressiva externalização da memória.

RESULTADOS

Este estudo realizou o levantamento, a seleção e a análise de crônicas publicadas em periódicos roraimenses, especificamente, crônicas de escritores como Eliakin Rufino e Nenê Macaggi, entre outros escritores-cronistas que se dedicaram a escrever crônicas sobre o espaço de Roraima e/ou a cidade de Boa Vista, que circularam apenas em periódicos, na época de sua produção, bem como conseguiu sistematizar subsídios teóricos e críticos de estudos circulação da literatura em jornais. Foram realizadas discussões ligadas ao estudo do texto narrativo e crítica em relação ao conceito da crônica como gênero literário “desprezado” pela crítica literária.

Os resultados desta investigação consistiram em apresentar textos ainda não publicados em livros que merecem vir à público por meio de estudos como este. Assim, dada a materialidade quantitativa de textos mencionados como crônicas pelos próprios escritores encontrados em periódicos como *O átomo*, *Folha de Boa Vista*, *Rio Branco* e *Boa Vista* que foram encontrados digitalizados, no primeiro momento, a partir da pesquisa na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

Por fim, esta pesquisa possibilitou o levantamento da produção cronística e o referencial bibliográfico dos autores em estudo. O desenvolvimento da análise aqui proposta intencionou a leitura de textos teóricos sobre prosa contemporânea, escrita, memória, história e literatura. Nesse sentido, também foi necessário observar o movimento autobiográfico de construção de uma memória individual nas crônicas a serem trabalhadas. Isto posto, teve o intuito de chegar ao resultado a necessidade de evidenciarmos a importância de narrar o contexto histórico vivenciado pelos autores por meio da análise de elementos literários, narrativos e descritivos que proporcionam uma identidade cultural roraimense.

Por fim, trata-se de uma pesquisa sobre dois escritores que publicaram crônicas em jornais de Roraima. A partir dos resultados desta proposta de estudo, novos recortes – por exemplo, que contemplem diferentes temáticas ou outros escritores cronistas – poderão ser desdobramentos possíveis de pesquisa ou orientações de pesquisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Almeja-se futuramente ampliar o *corpus* por meio da busca de publicações em fontes outras primárias e com a possibilidade de expandir esta proposta metodológica por meio da investigação em arquivos públicos e pessoais. Tais textos ora selecionados devem demonstrar como no processo de escrita para jornais, esses autores contribuem para a compreensão da memória e da história local. Pretende-se também investigar pressupostos que comprovem o caráter de uma escrita narrativa autobiográfica demonstrando alinhamento com a produção estética contemporânea, presumindo reconhecer a tradição da crônica moderna.

Portanto, a análise dos textos consistirá em realizar o levantamento, a análise e a identificação de elementos textuais narrativos e descritivos evidenciados na linguagem literária em seu sentido mais abrangente. Restritamente, pretende-se confirmar uma produção literária de Eliakin Rufino e Nenê Macaggi em jornais.

Outra questão importante a ser explorada refere-se à representação do espaço local da produção literária como manifestação cultural promovida pela necessidade de construção da identidade do sujeito escritor/narrador relacionando os aspectos autobiográficos da escrita. Ante o que foi exposto, pretende-se desvendar o olhar lançado pelos autores sobre as vivências nesse espaço específico do território hoje considerado como estado de Roraima.

Por fim, trata-se de uma pesquisa que já prevê desdobramentos, pois inicialmente foi proposto um estudo sobre dois escritores expoentes no estado de Roraima, que publicaram crônicas com regularidade em jornais locais. A partir dos resultados desta proposta de estudo, novos recortes – por exemplo, que contemplem diferentes temáticas ou outros escritores cronistas, além de outros periódicos como o jornal “Rio Branco”, “Boa Vista”, entre outros – poderão ser desdobramentos possíveis de pesquisa ou orientações de pesquisas. Estima-se, por exemplo, que a representação do espaço da cidade de Boa Vista possa ser outro recorte de análise, caso os resultados apresentem uma visão “de dentro para fora”, caracterizando-se pelas descrições e pela identificação íntima dos escritores com a cidade e pela transcendência descrita em linguagem literária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. Fragmentos sobre a crônica. **Boletim bibliográfico**, Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, v. 46, n. 1/4, p. 43-53, jan./dez. 1985.
- ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. Fragmentos sobre a crônica. *In*: ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. **Enigma e comentário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. 1.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. *In*: **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas; Rio de Janeiro: Ed. da UNICAMP; Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 14-30.
- COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel**: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- DIMAS, Antonio. A ambiguidade da crônica: literatura ou jornalismo. **Littera – Revista para professor de português e literaturas de língua portuguesa**. Rio de Janeiro, ano IV, n. 12, set./dez. 1974.
- ESMERALDO, Moema. **Cidade em fragmentos**: imagens urbanas nas crônicas de C.D.A para o Correio da Manhã. Tese (Doutorado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- FIGUEIREDO, Vera Follain. **Narrativas migrantes**: literatura, roteiro e cinema. Rio de Janeiro: PUC-RJ; Editora 7Letras, 2010.
- GOMES, Renato Cordeiro. Representações sociais e a crônica, seus suportes e as malhas do tempo: do jornal ao livro. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – COMUNICAÇÃO, ACONTECIMENTO E MEMÓRIA. **Anais...** Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2004.
- GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- MACAGGI, Nenê (Maria). **A mulher do garimpo**: o romance do extremo sertão norte do Amazonas. Boa Vista: Gráfica Real, 2012.
- MIBIELLI, Roberto. Metapoética e Estética ou Meta-análise e Exotismo: Questões da Amazônia ou de todas as Periferias? **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n. 31, 2017.
- MOISÉS, Massaud. A crônica. *In*: **A criação literária**: prosa. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

MORAES, Vinícius de. **Para viver um grande amor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

NEVES, Margarida de Souza. Viajando o Sertão: Luíz da Câmara Cascudo e o solo da tradição. *In*: NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda; RESENDE, Beatriz (Org.). O Rio de Janeiro e a crônica. *In*: **Cronistas do Rio**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

RIBAS, Maria. Cristina. Por uma revisão conceitual do gênero crônica: entre a montanha e o rés-do-chão. *In*: ANAIS CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, Campina Grande: Abralic, 2013.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 3 ed. São Paulo, Ática, 1987. (Coleção Princípios, 5).

Artigo recebido em agosto de 2023. Aprovado em outubro de 2023.